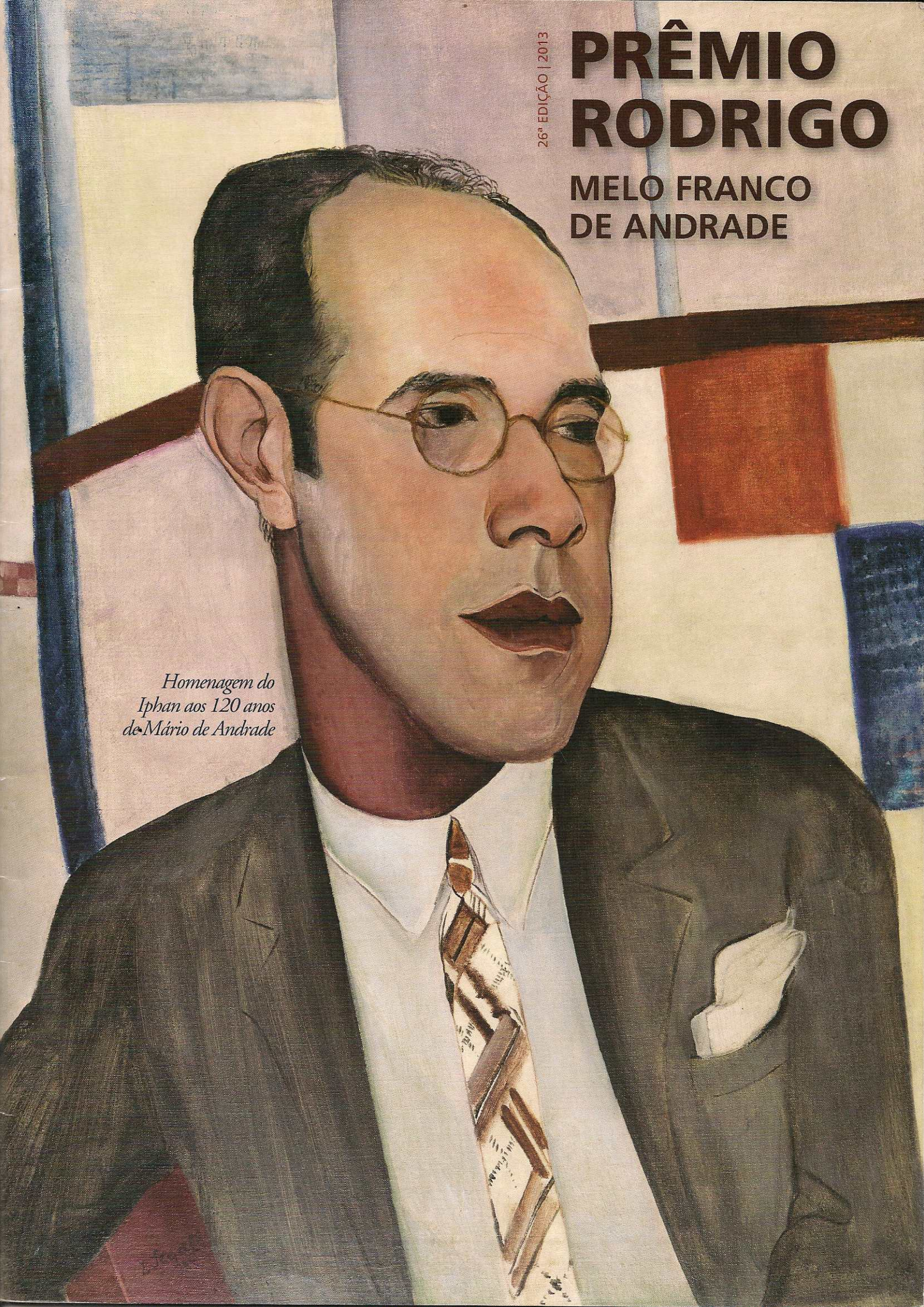


26ª EDIÇÃO | 2013

PRÊMIO RODRIGO

MELO FRANCO
DE ANDRADE

*Homenagem do
Iphan aos 120 anos
de Mário de Andrade*



CRÉDITOS

PRESIDENTA DA REPÚBLICA

DILMA ROUSSEFF

MINISTRA DA CULTURA

MARTA SUPLICY

PRESIDENTA DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

JUREMA MACHADO

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO

LUIZ PHILIPPE PERES TORELLY

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO

ANDREY ROSENTHAL SCHLEE

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

CÉLIA MARIA CORSINO

DIRETOR-SUBSTITUTO DO DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E

ADMINISTRAÇÃO

MARCOS JOSÉ SILVA REGO

DIRETOR DO PAC CIDADES HISTÓRICAS

ROBSON ANTÔNIO DE ALMEIDA

EQUIPE DA COORDENAÇÃO-GERAL DE DIFUSÃO E PROJETOS/DAF E

ORGANIZAÇÃO GERAL DO PRÊMIO RODRIGO MELO FRANCO DE ANDRADE

ADÉLIA SOARES; LUCIANA VECCHI; ISABELLA ATAYDE HENRIQUE; LUCIANO BARBOSA; AMARILDO MACHADO; MÉCIA MENESCAL; CRISTIANE DIAS; VITOR CORREA; SYLVIA BRAGA; CAROLINE SOUDANT; ANGÉLICA TORRES; GILKA LEMOS; SÔNIA FLORÊNCIO; PEDRO CLEROT; JULIANA BEZERRA, FERNANDA PEREIRA. APOIO: LOIANY GALENO; REBECA BEZERRA; JACQUELINE BARRETE; JANAÍNA SCARTAZZINI; MARCUS LEITE; MARIA VITÓRIA DUTRA.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

SUPERINTENDENTES ESTADUAIS DO IPHAN; COPEDOC/DAF;

CASA DO PATRIMÔNIO DA CHAPADA DO ARARIPE; SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

SEPS Quadra 713/913 Sul, Bloco D, Edifício Iphan

Brasília - DF | 70.390-135

www.iphan.gov.br

www.facebook.com/IphanGovBr

www.twitter.com/IphanGovBr

faleconosco@iphan.gov.br

VENCEDORES 2013 | CONTATOS

Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação da Universidade Federal do Pará - Lacre/Ufpa

Contato: Thais Alessandra B. C. Sanjad e Roseane da Conceição Costa Norat

Tels: (91) 3201-8721 / 8116-2479 / 8304-4225

E-mail: thais@ufpa.br; roseanenorat@ufpa.br

End: Universidade Federal do Pará, Campus Profissional da Cidade Universitária José Silveira Netto, Atelier de Arquitetura e Urbanismo/ LACORE. Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá. Belém-PA

Centro de Memória Dorina Nowill

Contato: Daniela Coutelle

Tels: (11) 5087-0977 / 5087-0955 / 97631-3562

E-mail: daniela.coutelle@fundacaodorina.org.br

End: Rua Dr. Diogo de Faria, 558. São Paulo-SP

Coletivo Jaraguá – Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa

Contato: Pablo Honorato Nascimento / Marcela de O. Muccillo

Tels: (83) 8745-7062 / 8736-6499 / 9921-6277

E-mail: pablo_ccj@yahoo.com.br / marcelamuccillo@gmail.com / coletivojaragua@gmail.com

End: Av. Mons. Almeida 553 - Jaguaribe. João Pessoa-PB

Carlos Etchevarne – Circuitos Arqueológicos: Práticas Sociais da Arqueologia na Chapada Diamantina - Bahia

Tels: (71) 3336-5768 / 9192-2383

E-mail: etchevarnebahia@gmail.com

End: Rua Aloísio de Carvalho 147- Apt. 501 / Ed. Bahia Dourada (Vitória). Salvador-BA

Museu Histórico de Sergipe

Contato: José Thiago da Silva Filho

Tels: (79) 3261-1435 / 8845-8543

E-mail: thiagofragata@gmail.com

End: Praça São Francisco S/N. São Cristóvão-SE

Instituto Banese – Museu da Gente Sergipana

Contato: Ezio Déda

Tel: (79) 8843-8269

E-mail: instituto.gerentes@banese.com.br; ezio.araujo@banese.com.br; marcelo.rangel@banesecard.com.br

End: Av. Ivo do Prado, 398, Centro. Aracaju-SE

Instituto Socioambiental - Povos Indígenas no Brasil

Contato: Fany Ricardo

Tels: (11) 3515-8400 / 8958

E-mail: isa@socioambiental.org; fany@socioambiental.org

End: Av. Higienópolis, 901 - sala 30. São Paulo-SP

Centro de Criação Galpão das Artes - Mané Gostoso

Tels: (81) 9684-0567 / 9739-6207 / 3628-0694 (residencial)

Contato: Fábio André - Presidente da Instituição

E-mail: fabioandre.limoeiro@hotmail.com

End: Rua Vígário Joaquim Pinto, nº 439. Limoeiro-PE

Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade

Além do valioso significado da premiação em si, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, ao dar visibilidade a soluções criativas de pesquisadores, comunidades e entidades em favor da preservação do patrimônio material e imaterial brasileiro, vem também se tornando um instrumento para que o Ministério da Cultura e o Iphan possam aferir a efetividade da disseminação da política de preservação pelo país.

Sua realização continuada – completam-se agora 26 anos! – é oportunidade para a revelação de uma enorme diversidade de projetos e iniciativas que nos permitem constatar, com renovado entusiasmo, as extraordinárias lições de zelo pela história do patrimônio vindas de comunidades, de profissionais e de instituições.

Os oito projetos agraciados representam uma mostra de como desenvolver as potencialidades do patrimônio cultural com qualidade, buscando a ação compartilhada com todos os agentes da preservação e a inclusão socioeconômica das comunidades.

Nesta edição, um elo de continuidade, coerência e, ao mesmo tempo, de atualidade quanto ao sentido do patrimônio, é realçado pela homenagem a Mário de Andrade. O pioneirismo do poeta modernista, pesquisador e musicólogo na valorização e no registro do imenso acervo da cultura popular do país motivaram, no ano de 1936, o então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, a convidá-lo para elaborar o anteprojeto de lei que, no ano seguinte, resultaria nos fundamentos da organização da proteção do patrimônio cultural brasileiro.

Em 1937, em carta a Paulo Duarte, registrada no 30º volume da Revista do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, Mário de Andrade diz que a política cultural deve “forçar um maior entendimento mútuo, um maior nivelamento geral da cultura que, sem destruir a elite, a torne mais acessível a todos, e em consequência lhe dê uma validade verdadeiramente funcional. Está claro, pois, que o nivelamento não poderá consistir em cortar o tope ensolarado das elites, mas em provocar com atividade o erguimento das partes que estão na sombra, pondo-as em condição de receber mais luz. Tarefa que compete aos governos.”

É sob sua inspiração que o Ministério da Cultura tem na política de patrimônio e na atuação do Iphan um dos exemplos mais sólidos de como relacionar cultura e desenvolvimento, dando luz, com queira Mário, à criatividade, à inclusão social e ao lugar de todos na diversidade do país que desejamos, cada vez mais, construir.

Marta Suplicy
Ministra da Cultura



O Iphan é uma instituição que tem o privilégio de ver seus personagens referenciais tornarem-se mais atuais quanto mais envelhecem. Mário de Andrade nasceu em 1893, às vésperas de um século breve, como dizia o historiador do século XX. Via o país, a cultura e o patrimônio de maneira muito particular, longe da celebração do consagrado e sempre à procura de um germe do novo que se abriga na tradição. Sua irreverência talvez o impedisse de ir ao palco entregar os prêmios Rodrigo Melo Franco de Andrade desta 26ª edição que o homenageia. Mas não deixa de ser interessante imaginar como ele veria esses 77 anos, desde o seu projeto para o Iphan até essa mostra de iniciativas exemplares, vindas de várias regiões do país, que o prêmio ora apresenta.

Quando convidado pelo ministro Capanema para conceber o projeto do serviço de preservação do patrimônio, certamente almejava tratar, lado a lado, patrimônio e criação, erudito e popular, material e imaterial. Embora não tenha se dado exatamente assim, a irrigação entre esses aparentes contrários acabou se tornando um alvo colocado sempre um passo adiante, fazendo com que, não só o Iphan, mas o pensamento e as políticas de patrimônio no Brasil o perseguissem como a uma miragem.

A premiação de 2013 procurou abordar as diferentes formas de apresentação do objeto da preservação – bens móveis, imóveis, imateriais, acervos e arqueologia – à luz da atuação dos diferentes atores – especialistas, pesquisadores, comunidades, governos, empresas. A aposta era de que o leque de iniciativas em favor do patrimônio, que hoje se espalham pelo país, pudesse ser representativo de todos esses cruzamentos.

O resultado de tantas interseções aí está: uma instituição universitária dedicada à restauração de azulejos se apoia na mobilização dos moradores de Belém para protegê-los do roubo e do vandalismo; uma ação exemplar de preservação de acervos se coloca a serviço dos direitos humanos e culturais das pessoas com deficiência audiovisual, em São Paulo; jovens agentes culturais são treinados por grupos tradicionais do patrimônio de João Pessoa; arqueólogos capacitam comunidades da Chapada Diamantina, na Bahia; um museu em São Cristóvão, Sergipe, sai às ruas para convocar moradores a trabalhar pelo título de Patrimônio Mundial; com o apoio de uma instituição bancária, recursos audiovisuais e tecnológicos são colocados a serviço do patrimônio de Sergipe; uma instituição não governamental mantém, por 16 anos, um *site* para a promoção do patrimônio cultural de povos indígenas; a rede pública de ensino de Pernambuco busca na arte de fazer bonecos o conhecimento do patrimônio e uma ferramenta pedagógica.

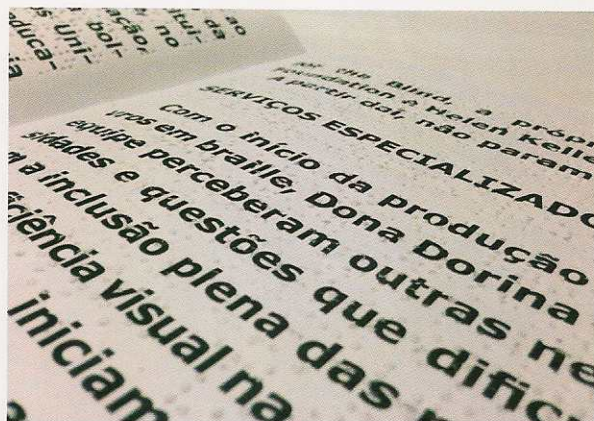
Um panorama que nos traz a grata sensação de que o projeto de Mário de Andrade deu certo. Agradecemos aos premiados e comemoramos!

Jurema Machado

Presidenta do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PREMIADOS EM 2013

Centro de Memória Dorina Nowill



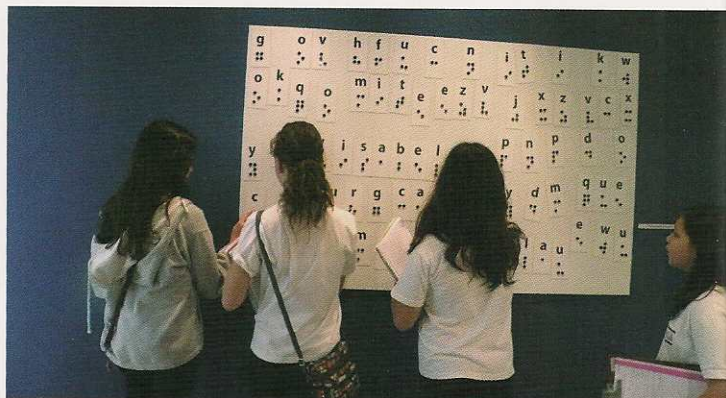
a primeira aluna cega em uma escola pública e a primeira professora cega do país, em 1945. No início, o trabalho da Fundação consistia na transcrição de textos em braille por trinta mulheres copistas, responsáveis pelos primeiros livros ainda copiados a mão.



Mas, Dona Dorina e sua equipe queriam ir além. Em razão de outras necessidades que dificultavam o acesso das pessoas com deficiência visual na sociedade, passaram, em 1961, a trabalhar também com a

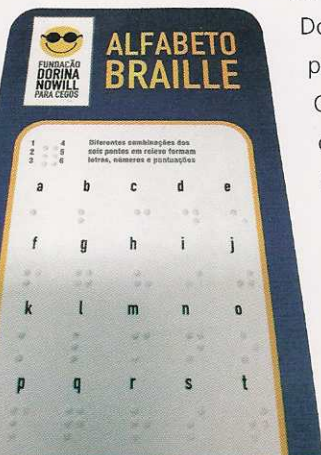
Apresentar, promover e preservar a história da luta das pessoas com deficiência visual no Brasil e no mundo é a missão do Centro de Memória Dorina Nowill, que, criado em 2002, em São Paulo, tornou-se o primeiro museu brasileiro a considerar a cultura da deficiência visual como patrimônio histórico.

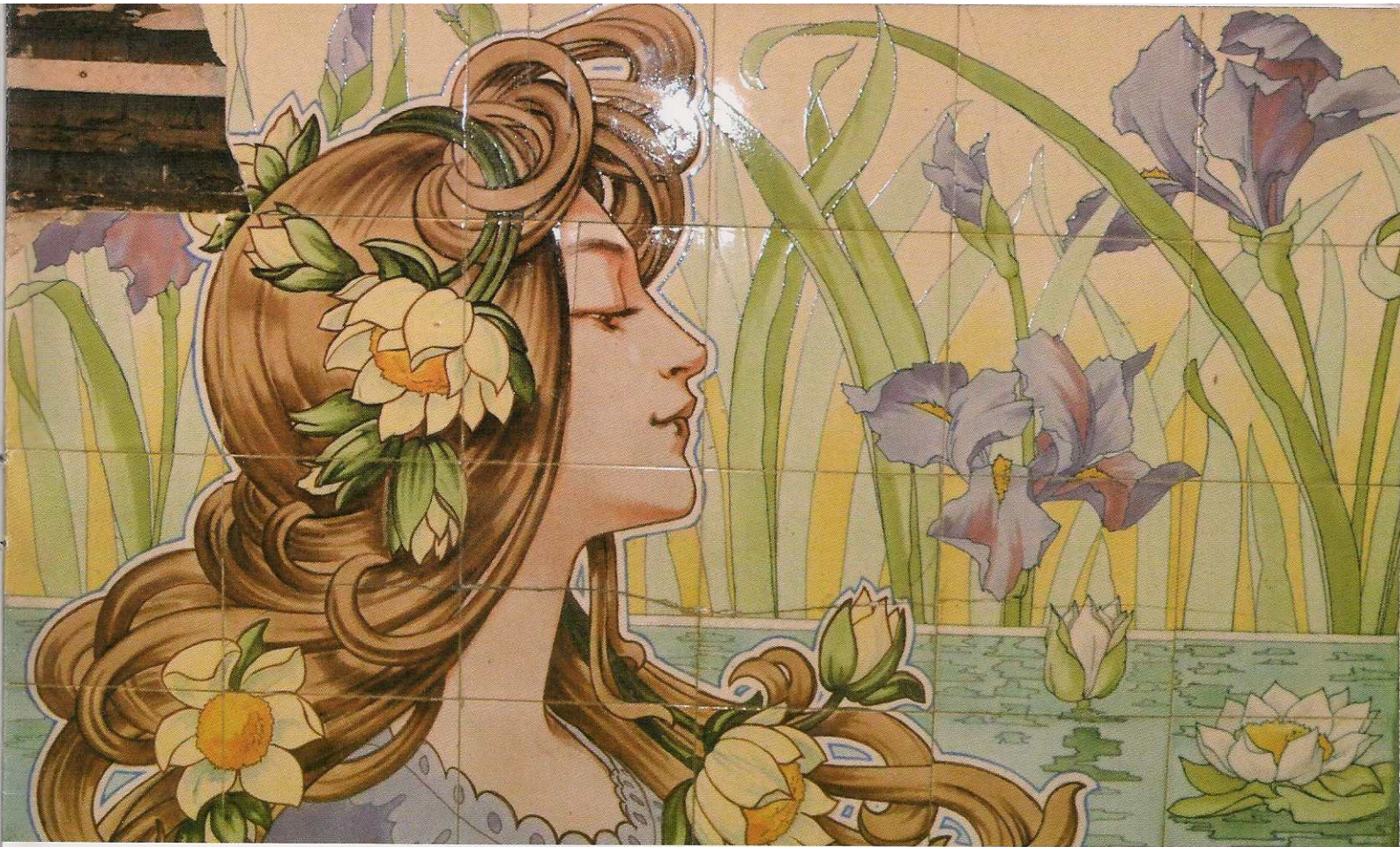
O trabalho beneficia cerca de 10 mil pessoas, que participam de exposições, ações culturais, programas de extensão e serviços educativos do projeto, além de contribuir para aumentar o respeito a essa parcela da população, que sofre com o preconceito e o desconhecimento de suas reais limitações. O Centro possui um rico acervo de fotos, documentos, registros audiovisuais e um banco de dados on-line. A doação de objetos e peças é constante, enriquece a coleção e aumenta a responsabilidade do espaço cultural.



Tudo começou com a Fundação Dorina Nowill, criada em 1946 pela professora Dorina de Gouvêa Nowill, a partir da oferta de livros em braille a pessoas com deficiência visual. Ela, que perdeu a visão aos dezessete anos, vítima de enfermidade não diagnosticada, foi

reabilitação, serviço oferecido até hoje no Centro de Memória. Em 1970, foi criado o estúdio para produção do livro falado, gravado por artistas da extinta TV Tupi e, por ser difícil o acesso ao aparelho de som compatível, a Fundação o disponibilizava junto com as fitas.





Moradores de Belém se unem para defender o patrimônio cultural



Na virada do século XIX para o XX, Belém do Pará reunia um acervo muito diverso de azulejos, boa parte importada da Europa, graças à riqueza oriunda da exploração da

borracha na Amazônia. O **Casarão Victor Maria da Silva** era, nesse aspecto, exemplar, por seus belos painéis de azulejos, alvo da ação de assaltantes e vândalos, que os saquearam e destruíram em fevereiro de 2012. Essa violência contra o patrimônio histórico mobilizou a comunidade, instituições patrimoniais, pesquisadores, universidade e estudantes, que promoveram ação popular em defesa desse importante Casarão para a memória cultural da cidade.

Com o projeto Azulejos da Residência Casa Victor Maria da Silva, o Laboratório Lacore da Universidade Federal do Pará desenvolveu um trabalho de coleta, catalogação, higienização e montagem de fragmentos para a recomposição dos azulejos. Ao visitar o Casarão, após as denúncias, os técnicos do Lacore encontraram painéis figurativos completamente destruídos e fragmentos de azulejos espalhados em seu interior e no jardim. O material indicava que a ação dos criminosos já vinha ocorrendo no imóvel há mais tempo. Num primeiro momento, foi feita uma limpeza da casa, visando resgatar o maior número de peças para ajudar na reconstrução dos painéis. Depois

da catalogação, os técnicos montaram um quebra-cabeça com as peças recolhidas.

O trabalho minucioso e especializado de técnicos e pesquisadores do Laboratório Lacore e o emprego de tecnologias avançadas de restauro permitem recuperar os painéis e a unidade estética do Casarão. No entanto, o resultado mais significativo e emblemático foi a mobilização e o envolvimento de diversos agentes sociais, que se organizaram para defender e preservar um dos mais representativos imóveis do Centro Histórico de Belém.

O Casarão Victor Maria da Silva – construído no alinhamento da rua, conforme os padrões portugueses do período colonial – foi batizado com o nome do seu antigo dono, o então secretário responsável pelo setor de obras do estado do Pará (1901 – 1909). O edifício conta com belo jardim interno, ornamentos em painéis azulejados portugueses e franceses criados pela empresa A. Arnoux et Boulanger & Cie. e paredes e forros em chapa de ferro prensado, no mais puro estilo *art nouveau*.



Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa

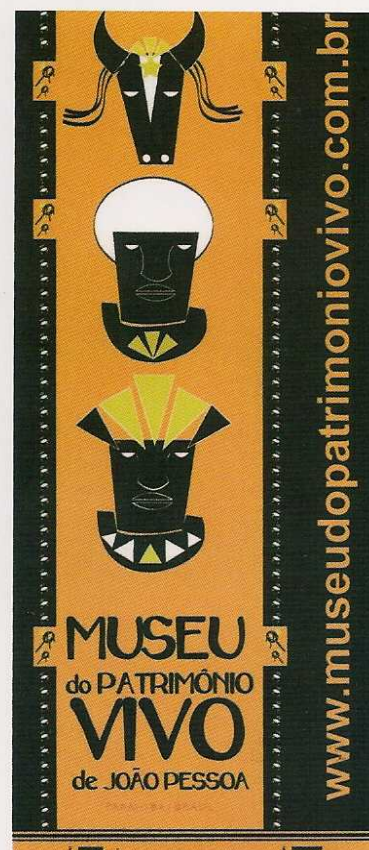
As comunidades tradicionais de João Pessoa (PB), dos bairros Novais e Roger, Rangel e Mandacaru, Paratibe e Vale do Gramane, são o fio condutor do projeto **Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa**, cujo objetivo é inventariar os bens do patrimônio imaterial. Ricas em manifestações culturais, as comunidades convivem com baixos índices de qualidade de vida e um número muito alto de analfabetismo. O projeto constitui-se em um espaço de pesquisa, discussão e promoção do patrimônio imaterial, com o foco na formação de jovens em agentes culturais para elaborar inventários dos bens culturais identificados.

As atividades começaram em 2012 com a participação desses bairros tradicionais caracterizados por suas festas, celebrações, brincadeiras e manifestações populares, e por seus mestres. O ponto de partida é um curso de capacitação de agentes culturais comunitários, dirigido a doze jovens bolsistas moradores dos bairros. Eles recebem bolsa de R\$ 300,00 e participam de aulas de português, educação patrimonial, direitos culturais, economia criativa, fotografia aplicada à pesquisa de campo, informática e elaboração de projetos. A partir daí, iniciam o inventário, mapeando bens imateriais presentes nas comunidades.

A metodologia da pesquisa de campo segue o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, desenvolvido pelo Iphan para produzir conhecimento sobre os domínios da vida social, aos quais são atribuídos sentidos e valores que constituem marcos e referências

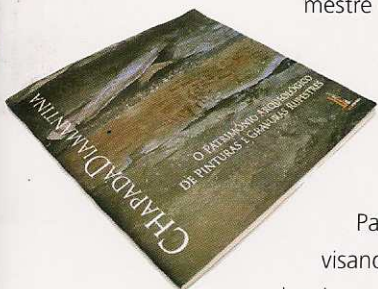
de identidade para determinado grupo social. O projeto envolve também os grupos tradicionais que detêm o conhecimento do patrimônio imaterial, dando oportunidade a que contem suas histórias, falem de suas referências e mostrem o que tem significado simbólico, agregando um compromisso de pertencimento coletivo em torno do patrimônio cultural.

Como agentes culturais, os jovens conhecem seu cotidiano e as tradições culturais de seus bairros e desenvolvem ações de salvaguarda dos bens imateriais das comunidades. O grupo utiliza várias ferramentas para promover o trabalho, como um *blog*, uma página no Facebook e uma coluna semanal no jornal *A União*. Assim, o Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa não tem espaço físico. É composto de pessoas, lugares, narrativas, calendários festivos, expressões e manifestações culturais. Para visitá-lo, basta ir às comunidades.



Circuitos Arqueológicos: Práticas Sociais da Arqueologia na Chapada Diamantina – Bahia

Bem no meio do estado da Bahia, mais precisamente na Chapada Diamantina, há importantes sítios de arte rupestre. A fim de preservar esses sítios arqueológicos de forma integrada com as comunidades que vivem em seu entorno, e a partir do conhecimento de sua importância, foi desenvolvido pela Universidade Federal da Bahia – UFBA o projeto Circuitos Arqueológicos: Práticas Sociais da Arqueologia na Chapada Diamantina, sob a coordenação do mestre e professor Carlos Etchervarne.



O projeto abrange seis municípios da Chapada Diamantina – Iraquara, Lençóis, Morro do Chapéu, Palmeiras, Seabra e Wagner –, visando sensibilizar as comunidades locais por meio da gestão participativa de ações, bem como o seu desenvolvimento socioeconômico. As ações preliminares de capacitação permitiram a criação da figura institucional de agentes patrimoniais, atuantes como lideranças locais e de interlocução com as agências de preservação patrimonial (ambientais e culturais).

Por meio de convênio celebrado entre a UFBA e o Instituto de Patrimônio Artístico Cultural – Ipac, foi possível então elaborar os roteiros dos locais de pinturas rupestres, intitulados **Circuitos Arqueológicos de Visitação**. A ênfase do programa recai nos sítios de

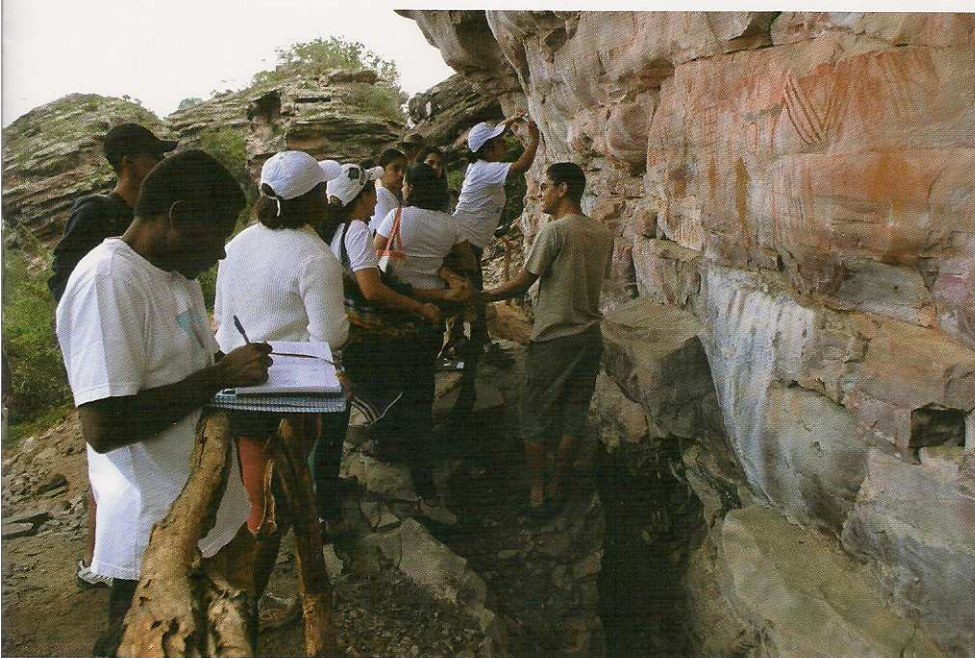
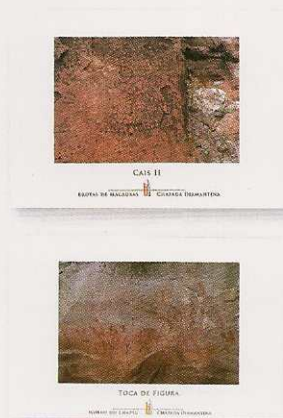


pintura rupestre que, abundantes na região, são fonte de descobertas e conhecimento, mas inclui também lugares com belíssimas paisagens, como exemplos de seu patrimônio natural. Assim, o visitante usufrui dos locais arqueológicos e de outros referenciais patrimoniais da região.

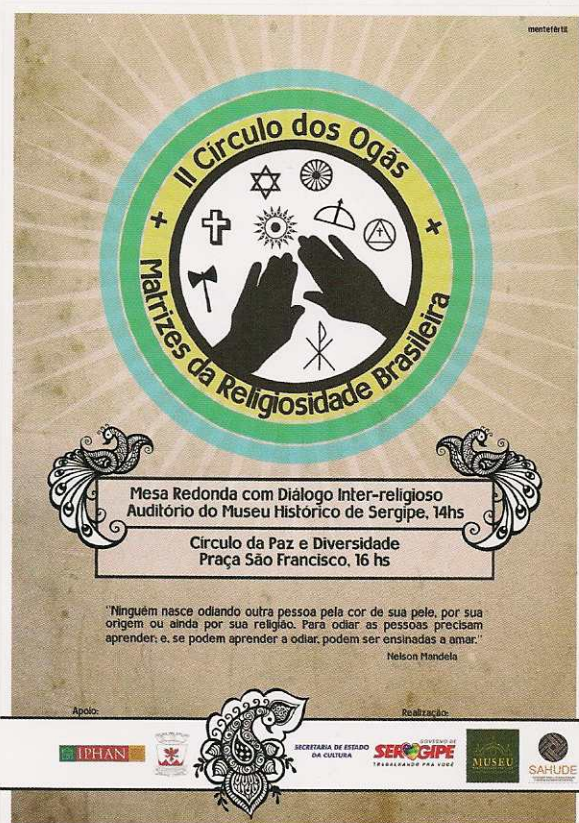
Segundo os idealizadores, o projeto baseou-se em três premissas. A primeira é que não há possibilidade de preservação sem a atuação da comunidade próxima aos sítios de arte rupestre. A

segunda é que não existe proteção sem conhecimento do que deve ser protegido, e para isso a pesquisa é fundamental. Por último, a conservação dos sítios não pode estar dissociada da esfera econômica, por isso, os retornos de melhorias sociais para os grupos devem ser pensados em conjunto com os mesmos.

A preservação dos sítios arqueológicos da Chapada Diamantina se dá por meio do que os organizadores chamam de fórmula ideal: “visitação mais conhecimento”.



Programa educativo do Museu Histórico de Sergipe 2010-2012



Patrimônio Mundial. O desafio era promover ações que estimulassem a comunidade a valorizar o patrimônio cultural do estado. Inspirados na museologia social, que percebe o museu como casa de visita e de pesquisa, os gestores do Museu Histórico de Sergipe desenvolveram, com a participação dos órgãos públicos de cultura e de patrimônio, um programa educativo totalmente voltado para a comunidade.

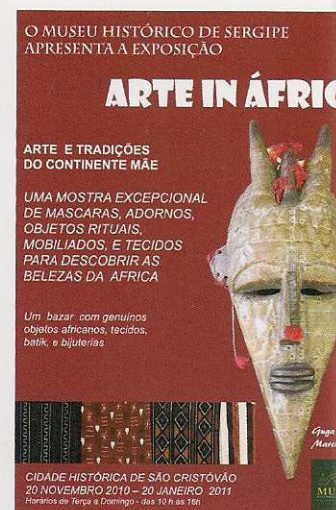
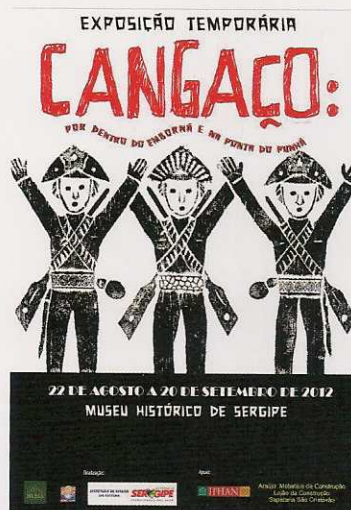


A partir de então, o Museu buscou trabalhar o conceito de patrimônio como algo que nasce no espaço individual de cada pessoa, gerando experiências que remetem à sensação de viver em comunidade. As oficinas educativas e as exposições buscaram abarcar todo o universo do patrimônio cultural, reunindo informações e pesquisa sobre a história da Praça São Francisco, dos monumentos do seu entorno e das manifestações tradicionais que compõem o universo do povo sergipano. Cerca de 20 mil pessoas participaram do projeto.

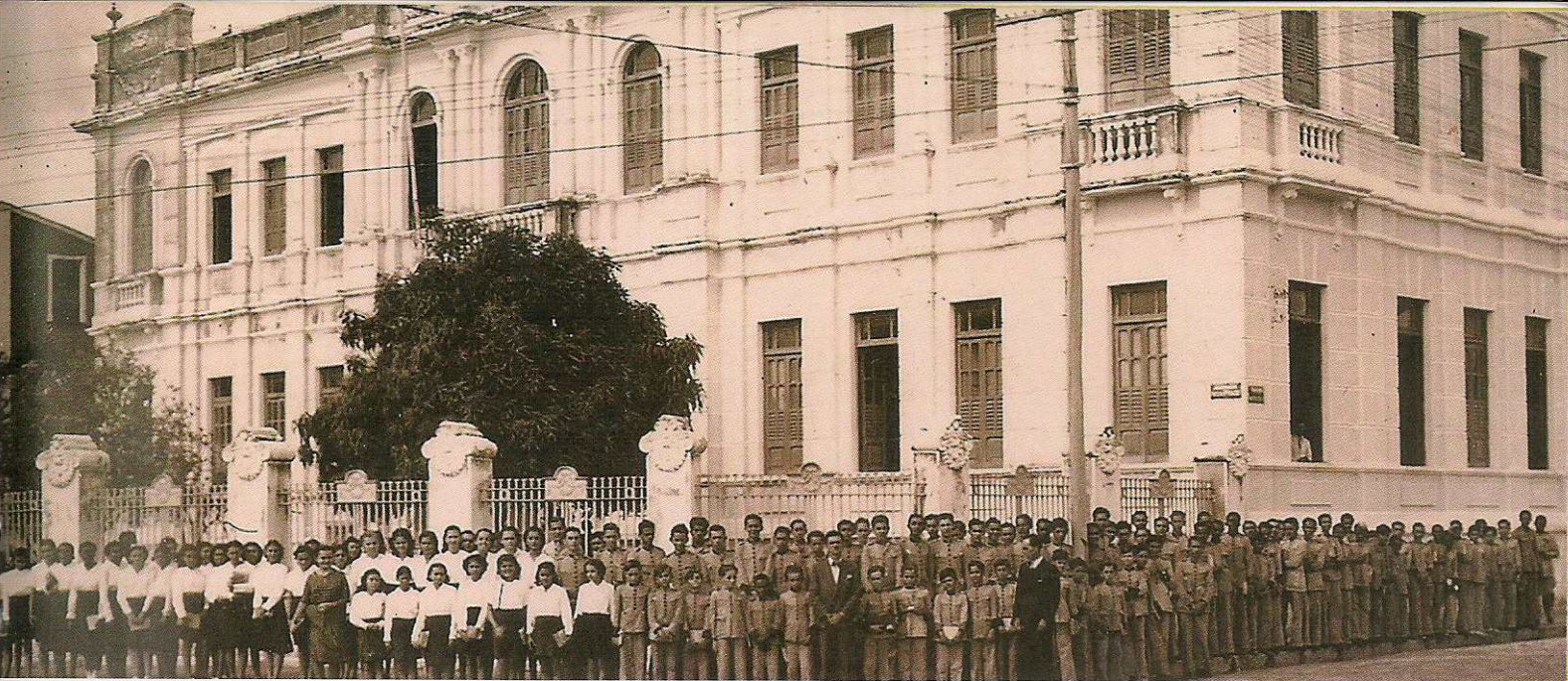
A Praça São Francisco, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe, foi declarada patrimônio cultural mundial pela Unesco em agosto de 2010. Muitas instituições públicas se mobilizaram pelo reconhecimento dessa Praça, construída entre o final do século XVI e o início do século XVII para ser o centro da cidade e sediar suas mais importantes instituições políticas, judiciais e religiosas. Os moradores também se engajaram, participando das diversas atividades educativas e culturais que o programa educativo do Museu Histórico de Sergipe organizou na cidade.



Foram cursos de educação patrimonial, exposições, debates e atividades culturais. O Museu abriu as portas em 2009, depois de restaurado, e recebeu a tarefa de coordenar, na cidade, a comissão da pré-candidatura da Praça São Francisco para sua inscrição na Lista do



A Praça São Francisco representa um importante legado do período da União Ibérica, por apresentar influências portuguesa e espanhola. Dali pode-se apreciar o palácio colonial, onde funciona o Museu Histórico, os prédios das ordens religiosas, o Museu de Arte Sacra e o Convento de São Francisco. A Praça também foi eleita como palco das festas, danças e celebrações na cidade.



Museu da Gente Sergipana – projetos e exposições



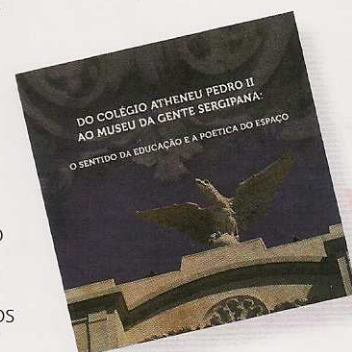
Os pátios e salões do Colégio Atheneu Dom Pedro II – construído em 1926, com características da arquitetura eclética influenciada pela Escola de Belas Artes – fizeram parte da vida dos estudantes sergipanos por quase meio século. Em 2011, o Colégio foi totalmente

restaurado para abrigar o Museu da Gente Sergipana, espaço concebido para valorizar sua cultura por meio de novas tecnologias, multimídias interativas, um programa educativo contínuo e acesso gratuito.

Antes de iniciar o projeto de restauração e de adequação do imóvel, foi necessário elaborar um inventário de todos os elementos característicos do bem, por meio de pesquisa, documentação histórica, fotografias de acervos públicos e privados e registros orais da memória das pessoas que participaram ativamente do prédio, a fim de transformá-lo em museu interativo. Inaugurado

em 2011, vem desde então se consolidando como um espaço de inclusão social para a população do estado, ao promover projetos de valorização da cultura e de educação patrimonial, assim como atividades ligadas a diversas linguagens artísticas.

No roteiro de visitaçao, o público é convidado a conhecer Sergipe por meio de imagens, sons e objetos representativos expostos. São apresentadas informações e curiosidades sobre os aspectos da arte, da história e do patrimônio cultural e paisagístico do estado sergipano. O itinerário expositivo contempla o foyer, a loja e a galeria de exposições; o auditório, o átrio e o café; a midiateca, o estacionamento e várias cabines interativas.



O projeto é uma ação de responsabilidade social do Instituto Banese, que acreditou no potencial simbólico e criativo do povo sergipano, ao investir nas obras de restauro e de adequação do Colégio Atheneu Dom Pedro II. Desde sua inauguração, o Museu recebeu mais de 130 mil visitantes e se tornou uma referência cultural no estado.



Povos Indígenas do Brasil

Semana do Meio Ambiente

Enawenê-nawê

Cultura material

O padre jesuíta Tomás de Aquino Lisboa que, em 1974 participou da expedição do primeiro contato oficial dos Enawenê-nawê com os brancos, fez uma descrição da aparência desses índios nessa ocasião. Contou que os homens tinham cabelos compridos caídos nas costas e aparados na região temporal, acima das orelhas. Boa estrutura, mais brancos que escuros, tatuando no peito adorno de algumas penas encaixadas em peças arredondadas e trabalhadas, de coco de tucum, tendo três fitas de algodão apertando o biceps e a barriga da perna e, nos tornozelos, fitas mais largas. O pénis embutido em palhinha amarrada. Nas orelhas traziam argolas pretas, também de tucum, nas quais estavam presas conchas brancas de forma triangular.

As mulheres tinham cabelos compridos aparados acima das orelhas, tal como os homens. Usavam cintos com muitas voltas, feitos de tucum. Traziam mini-saias feitas de algodão e tirinhas de urucum. Na barriga das pernas traziam argolas de borraça. À altura do umbigo, tinham muitos traços desenhados, tatuagens. Como os homens, traziam tiras finas de algodão apertando o biceps. Nas orelhas, brinços iguais aos dos homens.

Tais características foram também observadas por Virgínia Valadão anos depois. Ela conta que os Enawenê-nawê fabricam redes, saias e pulseiras de algodão que cultivam. Pintam de vermelho os saias e o corpo com urucum. Em ocasiões especiais também usam a pintura preta de jenipapo, fruto de uma árvore. Está sempre com os cabelos bem cortados, com franja, salvo raspado por cima da orelha e compridos atrás. Dentes de animais, frutos vegetais e penas de pássaros, em especial arara vermelha, papagaios, mutum e garúvão complementam os colares e cocares. Os Enawenê-nawê criam araras.

Povos Indígenas do Brasil

Semana do Meio Ambiente

Araweté

A dança opirahê

O opirahê é a única forma de dança praticada pelos Araweté: uma massa compacta de homens, dispostos em linhas, que se desloca lentamente em círculos anti-horários, cantando. Na linha do meio, e no meio desta, vai o cantor (marakay), que toca um chocinho de dança para a marcação do ritmo. O cantor começa cada canto, repetido em uníssono pelos demais dançarinos. Após um bloco de cânticos, os dançarinos se dispersam, sentando nas esteiras à volta do pé da dança com suas mulheres. Passados alguns minutos, o cantor se levanta; o grupo então se refaz, com cada homem ocupando a mesma posição no interior do conjunto que na etapa anterior. Cada linha, composta de dançarinos com os braços entrelaçados, segue praticamente colada à linha seguinte. Nas linhas da frente seguem os mais jovens. As mulheres podem vir-se junto ao grupo: passam o braço por debaixo do de seu parceiro, segurando seu ombro e ali repousando o cabeça; elas sempre formam no exterior do grupo, nunca ficando entre dois homens. Uma mulher dança com seu marido, ou então com seu sobrinho, seu "namorado"; nesse caso, seu marido deve dançar com o outro extremo da mesma fila.

Um opirahê pode ser organizado por simples diversão, por um grupo de jovens; ou pode ser parte do ciclo de danças noturnas executadas durante a preparação do cauíim, e que tem seu clímax na noite da festa; ele é também a forma de comemoração de morte de uma onça ou de um inimigo. Seu modelo, porém, é sempre o mesmo: o opirahê é uma dança de guerra. Todos os participantes devem portar suas armas, ou pelo menos uma flecha, carregada verticalmente contra o peito; e os cânticos de opirahê são "música dos inimigos", cânticos que falam de combates. O paradigma do cantor é o guerreiro.

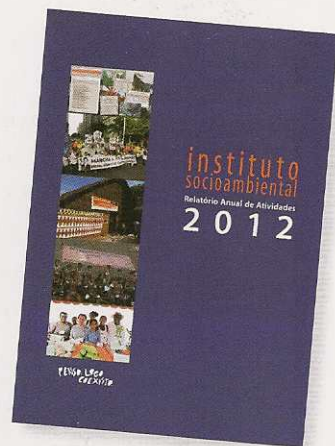
Povos Indígenas do Brasil

A população indígena no Brasil no século XVI era estimada entre 2 e 4 milhões de pessoas, pertencentes a mais de mil povos diferentes. Já na primeira metade do século XX, as estimativas indicavam o desaparecimento de mais de oitenta povos indígenas e a diminuição da população total de 1 milhão de pessoas para 200 mil. No entanto, desde a década de 1980, o IBGE vem recuperando as estatísticas acerca desses povos, que, de acordo com o Censo de 2010, somam quase 900 mil pessoas. Destas, 324,8 mil vivem em cidades e 572 mil permanecem em áreas rurais, o que corresponde a 0,47% da população total do país.

Esses dados são do *site Povos Indígenas do Brasil*, criado há dezesseis anos pelo Instituto Socioambiental – ISA a fim de dar visibilidade a essa etnia e seu patrimônio cultural. Em pleno século XXI, era da revolução das relações sociais em rede, a grande maioria dos brasileiros continua a ignorar a imensa diversidade

da população indígena que vive no país e que ainda é alvo de preconceitos e discriminações. Ao articular redes de pesquisadores para oferecer informações de qualidade acessíveis pela internet, o *site* realiza, com a *Enciclopédia dos Povos Indígenas*, um trabalho crucial para a educação sobre os patrimônios culturais desses povos e sua valorização.

A ação de comunicação do projeto tem contribuído notoriamente para o reconhecimento da diversidade dessa população – ainda bem pouco conhecida fora do país também. A farta produção de colaboradores disponibilizada *on-line* já reúne 187 verbetes e abarca 204 povos indígenas, além de 170 artigos temáticos. A beleza e a qualidade das 2,4 mil imagens que compõem a galeria *on-line* também merecem destaque.



Hoje, o *site* em português, espanhol e inglês é a principal fonte de informações qualificadas na internet sobre o tema, com mais de 3 milhões de páginas visualizadas anualmente em 194 países, úteis a estudantes e acadêmicos, leigos e especialistas. Com o lema “é preciso conhecer para cuidar e preservar”, o *site Povos Indígenas do Brasil* é acessado em <http://pib.socioambiental.org/pt>.

Povos Indígenas do Brasil

Araweté Ashaninka

Asurini do Xingu Bororo Canela Ramkokamekrá

Etnias do Rio Negro Karajá

Guarani Kalowá Guarani Mbya Guarani Nandeva

Kayapó

Xingu Yanomami



Mané Gostoso e o Vaivém do Lúdico

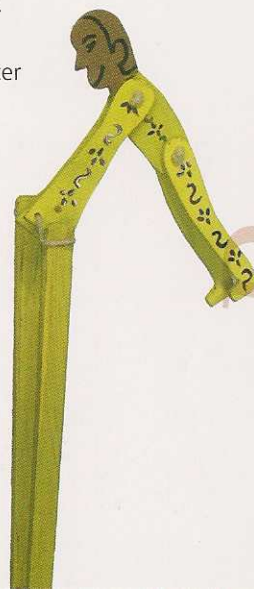
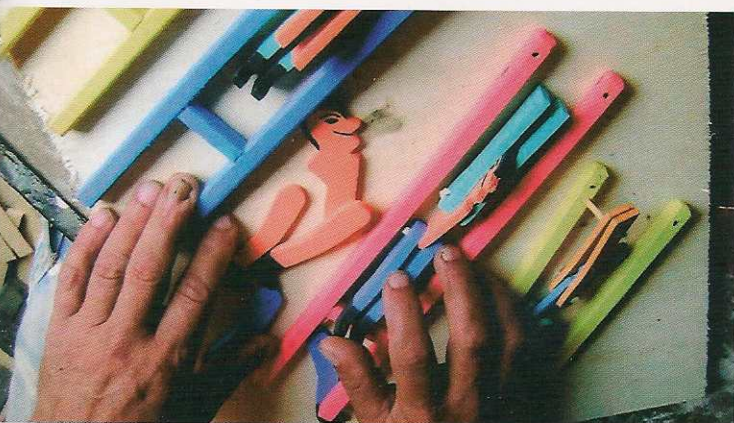
Mais do que um direito, brincar é fundamental na formação do caráter e no desenvolvimento de habilidades e da inteligência. Esta é a base que o Centro de Criação Galpão das Artes adotou para desenvolver o projeto de oficinas **Mané Gostoso** e o **Vaivém do Lúdico**, dirigidas aos educadores da rede pública do estado de Pernambuco que confeccionam e perpetuam o brinquedo Mané Gostoso. O objetivo é salvaguardar a cultura da infância, ao promover as condições essenciais para o desenvolvimento sustentável, em benefício das gerações atuais e futuras, desse brinquedo popular.

Mané Gostoso é um boneco de madeira com pernas e braços articulados, movimentado por meio de duas varetas presas por cordões às suas mãos. Pressionadas as varetas, ele faz malabarismos, estimulando noções de coordenação motora e equilíbrio na criança. Acredita-se que a escola, onde os educadores inovam suas práticas

de sala de aula, seja o mais fiel e autêntico espaço para a difusão desse brinquedo popular e o escoamento de sua confecção. Ao se apropriar do elo entre o artesão e a pedagogia do brincar, o projeto celebra uma aliança entre educação e cultura e perpetua a garantia da tradição do brinquedo – símbolo da infância no Nordeste setentrional.

A oficina, que permite aos educadores a transmissão dos saberes e fazeres do brinquedo Mané Gostoso como ferramenta de ludicidade, propicia também estudar e aprender sobre a pedagogia dos brinquedos e das brincadeiras, o papel da cultura na infância e o que representa para a criança aprender a fazer o seu próprio brinquedo: primeiro, se confeccionam as partes do boneco; depois, se recorta e pinta o boneco e o trapézio; por fim, monta-se e testa-se o brinquedo.

E o que parecia banal conseguiu enriquecer o acervo de brinquedos populares no Ponto de Memória Galpão das Artes e ainda propiciou a montagem do espetáculo teatral para crianças, de autoria da escritora Elita Ferreira, visitas ao Galpão das Artes, bem como ampliou a difusão e a venda do **Mané Gostoso**, confeccionado pelo artesão limoieirense Jorge Raimundo, parceiro no projeto.



FINALISTAS EM 2013

Os oito projetos vencedores da 26ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade foram escolhidos pela Comissão Nacional de Avaliação entre as 76 ações selecionadas pelas Superintendências Estaduais do Iphan, que, em 2013, avaliaram 233 inscrições, nos 27 estados brasileiros.

As 76 ações selecionadas foram inscritas nas seguintes categorias:

Patrimônio Material: Bens Imóveis e Paisagens Naturais e Culturais – 07; Patrimônio Material: Bens Móveis e Acervos Documentais – 12; Patrimônio Imaterial – 13; Patrimônio Arqueológico – 04; Políticas Públicas, Programas e Projetos Governamentais – 06; Responsabilidade Social – 3; Comunicação e Mobilização Social – 13 e Ações Educativas – 18

AL

Exu Além do Bem e do Mal, do Núcleo Zero Publicidade LTDA

Preservação dos 11 livros Ata da Associação Comercial de Maceió, da Federação das Associações Comerciais do Estado de Alagoas

Circo Escola, do Centro de Pesquisas Museológicas - Museu Sacaca, Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – Iepa

BA

Museu Vai à Escola, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Projeto de Revitalização da Biblioteca Monsenhor Manoel de Aquino Barbosa, de Vanilda Salignac de Souza Mazzoni

O Sincretismo na Culinária Afro-Baiana: O Acarajé das Filhas de Iansã e das Filhas de Jesus, de Wagner José Rocha Santos

Critérios Arqueológicos: Práticas Sociais da Arqueologia na Chapada Diamantina/BA, de Carlos Etchervarne

Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia, do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

Plano Museológico do Museu do Alto Sertão, de Paulo Eduardo Zanetti

CE

A Xilogravura de Juazeiro do Norte, de Francisco Gilmar Cavalcante de Carvalho

DF

A Jangada de Raíz, de Edson Fogaça

Ação Programada da Água e Cultura, da Agência Nacional de Águas – ANA

Programa Educativo em Artes Visuais, da Palavra Chave Arte e Cultura Ltda

Projeto Parada Cultural, da ONG Projetos Culturais T-Bone

GO

Projeto Cabocla – Bordando Cidadania, da Cabocla Criações

Memorial Serra da Mesa, da Fundação de Desenvolvimento da Região de Serra da Mesa

MA

Tambor de Crioula Maracrioula, da Associação Cultural Maracrioula

Azulejos de Papel, de Rosana Carvalhal Martins

MT

Salvaguarda de Bens Imateriais – Fala de Gente, Fala de Bicho ABIA ALI MA'YAHHA – Cantigas de Ninar do Povo Juruna, da Profa. Dra. Christina Martins Fargetti

Plano Educativo Museu na Escola, do Serviço Social do Comércio Sesc – Casa do Artesão

Memórias do Pantanal Rupestre, da Fundação Barbosa Rodrigues

MS

Janelas Culturais, da Fundação Barbosa Rodrigues

Vucapanavó – Vamos em Frente, de Naine Terena de Jesus





MG

Museu da Liturgia: Restauo, Conservação e Acondicionamento do Acervo da Paróquia de Santo Antônio, da Paróquia Santo Antônio de Tiradentes – Museu da Liturgia

Respeitável Público – Respeitável Circo: Projeto de Preservação e Desenvolvimento do Circo em Minas Gerais, de Sula Kyriacos Mavrudis

Paz no Mundo Camará: a Capoeira Angola e a volta que o mundo dá, de Carem Cristini Nobre de Abreu

Expresso Cineclubinho – Projeto Audiovisual de Educação Patrimonial, de Raphaela Maciel Correa

PA

Livro “Fronteira do Norte: Demarcando e Aproximando a Amazônia” – Primeira Comissão Brasileira Demarcadora de Limites – 8 Décadas, da Primeira Comissão Brasileira Demarcadora de Limites – PCDL

Coleta, Catalogação, Higienização e Montagem de Fragmentos de Azulejos da Residência Victor Maria da Silva, do Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação – Lacore/UFPA

A Mitopoética Amazônica como Elemento Educativo Socializador, de Luiz Carlos de Carvalho Dias

Arte Rupestre de Monte Alegre: Difusão e Memória do Patrimônio Arqueológico, de Edithe da Silva Pereira

Ações Educativas: Sextas de Café com Memória, do Liceu Escola de Arte e Ofícios Mestre Raimundo Cardoso

Roteiro Geo-Turístico, do Grupo de Pesquisa em Geografia do Turismo – CGEOTUR/UFPA

Patrimônio do Nosso Meio: Programa de Arqueologia Preventiva da Companhia de Alumina do Pará, da Companhia de Alumina do Pará

PB

Registro da História da Justiça Eleitoral Paraibana, com ações de divulgação voltadas à Cidadania, Educação e Cultura, do Memorial da Justiça Eleitoral da Paraíba

Fortalecer a Cultura do Gramame, por meio dos Saberes, Fazeres e da Memória Local, da Congregação Holística da Paraíba / Escola Viva Olho do Tempo

Museu do Patrimônio Vivo de João Pessoa, do Coletivo Jaraguá

Atuação no Âmbito Educativo, através de cursos, oficinas, palestras, seminários e outros, contribuindo para a valorização e difusão dos músicos forrozeiros, da Associação Cultural Balaio Nordeste

PR

Inventário da Arquitetura do Imigrante Italiano em Curitiba, de Fábio Domingos Batista e Ana Carolina Mazzarotto

Ciência e Império – Pesquisa e Inventário, de Magnus Roberto de Mello Pereira

O Programa de Patrimônio Cultural do Parque Histórico de Carambeí, da Associação Parque Histórico de Carambeí

PE

Olhar Brasileiro, da Latitude 7 Produções Culturais LTDA

Memorial Combate da Serra Grande, da Associação Rural de Moradores de Fazenda Santana de Cima

Jogar Capoeira, de João Ferreira Mulatinho

Mané Gostoso e o Vaivém do Lúdico, do Centro de Criação Galpão das Artes

Jaboatão Minha Cidade – Aproprie-se desse Patrimônio, da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes – Secretaria de Cultura de Patrimônio Histórico

PI

O Modo de Fazer o Pandeirão Dentro da Festa do Bumba-meu-boi, de Viviane Pedrazani

Educação Patrimonial em Teresina: Conhecer para Valorizar, de Luciene Brito Cardoso e Neuzá Brito de Arêa Leão Melo



RJ

O Rio que o Rio Não Vê. A Ornamentação da Fachada Carioca, de Luiz Eugênio Teixeira Leite

Projeto Acervo Carlos Scliar, do Instituto Cultural Carlos Scliar

Museu Histórico de Campos dos Goytacazes, da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima – FCJOL/ Museu Histórico de Campos dos Goytacazes

Teatro do Oprimido, do Centro de Teatro do Oprimido

Horto e Rocinha: a Ludicidade da Memória como Resistência, de Maria Cristina Bó

Capoeira: Rodas e Palestras no Cais do Valongo, de Ana Carolina Oliveira Santos

RN

Programa Memória Minha Comunidade, da Prefeitura Municipal de Natal-RN

RS

Restauração da Casa 8, da Universidade Federal de Pelotas

Acervo do Inventário do Comendador Domingos Faustino Correia, de Virgília Edi Gularte dos Santos Fidelis de Palma

Patrimônio Cultural para Todos, da Defesa Civil do Patrimônio Histórico

Fag Tár: a Força Delas, do Instituto Indígena para Propriedade Intelectual – Inbrapi

Mercado Público: Palácio Público, da Libretos Comunicação Ltda

RO

Projeto Cultural Esportivo Social Capoeira na Comunidade Escola e Cidadania, da Associação Jiparanaense de Apoio e Desenvolvimento Arte Capoeira ABADÁ- AJ-DACÁ

Mobilização através de mostras de Filmes Históricos em favor do nosso Patrimônio Material Estrada de Ferro Madeira Mamoré, da Associação Curta Amazônia

RR

Rota do Conhecimento, de Carolina Viana Albuquerque

**SC**

Hassis no Carnaval, da Fundação Hassis

Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, da Unochapecó

Pesquisa e Contação de Histórias, da Cia Contacausos

SP

Povos Indígenas do Brasil, do Instituto Sócioambiental

UC Parque Natural Municipal Nascentes de Paranapiacava – Inovando em Conservação, Sustentabilidade e Participação Social, da Prefeitura de Santo André – Secretaria de Recursos Naturais de Paranapiacava e Parque Andreense – Departamento de Meio Ambiente

Centro de Memória Dorina Nowill, da Fundação Dorina Nowill para cegos

Projeto de Restauração de Imóveis Tombados pelo Condephaat, do Instituto Sócioambiental

Banda de Música e Seresta – Banda Musical Lyra Mojimiriana, da Banda Musical Lyra Mojimiriana – Maria Teresa del Prete Panciera

SE

Mobiliário Urbano em Cidades Históricas, de Éder Donizeti da Silva

Um Museu, Uma Coleção, da Secretaria do Estado da Cultura – SE

O Couro e o Rio: Usos e Significados, de Sayonara Viana Silva

Programa Educativo do Museu Histórico de Sergipe – 2010-2012, do Museu Histórico do Sergipe

Museu da Gente Sergipana – Projetos e Exposições, do Instituto Banese.



A COMISSÃO NACIONAL

Alcione Carolina Gabriel da Silva, Coordenadora-Geral de Cultura e Comunicação, na Diretoria de Educação e Comunicação para Cultura, Secretaria de Políticas Culturais do Ministério da Cultura

Ana Lucia Abreu, Professora Adjunta do Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Andrea Curi Zarattini, Analista Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio

Artur Nobre Mendes, Antropólogo da Fundação Nacional do Índio – Funai

Conceição Freitas, Jornalista do Correio Braziliense

Dina Lerner, Arquiteta do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – Inepac / SEC / RJ

Isabel de Freitas Paula, Oficial de Cultura da Representação da Unesco no Brasil

Ivanna Sant'ana Torres, Subsecretária de Políticas do Livro e da Leitura do GDF

Leonardo Silveira Hernandez, Subsecretário de Fomento da Secretaria de Cultura do DF, responsável pelo Fundo de Apoio à Cultura – FAC/DF

Marcia Abreu, Assessora da 4ª Secretaria da Mesa Diretora da Câmara dos Deputados

Maria Angela Cunico, Coordenadora-Geral do Programa de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do CNPq

Maria da Conceição Alves de Guimaraens, Diretora de Cultura do Instituto de Arquitetos do Brasil

Maria da Graça Nobre Mendes, Jornalista da Assessoria de Imprensa da Defensoria Pública da União, do Ministério da Justiça

Tânia de Castro Bernardes Barbosa Caldeira, Coordenadora de Fomento e Financiamento do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram



OS ARTISTAS EM 2013



Show de José Miguel Wisnik & Ná Ozzetti encerra cerimônia de premiação em 2013

Ná Ozzetti foi a primeira cantora a interpretar e gravar um conjunto de canções de José Miguel Wisnik. Foi com ela, também, que ele fez os primeiros shows de sua carreira, o memorável *Princesa e Encantada*, no Espaço Off, junto com Suzana Salles, e a série de shows no Crowne Plaza, em que se lançava como compositor, tudo na segunda metade dos anos 80. Embora aliados desde sempre, seus roteiros seguiram caminhos próprios, sem que eles se apresentassem juntos num espetáculo único e exclusivo por muito tempo. O reencontro de José Miguel Wisnik com Ná Ozzetti em show em Brasília é também muito especial porque encerra a cerimônia de premiação dos oito vencedores da 26ª edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O repertório do espetáculo inclui canções que marcam a história dos encontros entre o compositor e a cantora, como *A olhos nus*, *Mais simples*, *Laser*, *Pesar do mundo* e *Sem receita*. Entre essas, as inéditas *Tudo vezes dois*, *Louvar* (parceria de Wisnik com Cacaso) e *Sinal de batom* (parceria dele com Alice Ruiz). Ná Ozzetti interpretará também canções recentes, como *Tristeza do Zé* (parceria de Wisnik com Luiz Tatit) e *Pérolas aos poucos*, da qual ela registrou uma extraordinária versão com André Mehmari.

A banda é formada por José Miguel Wisnik ao piano, Marcio Arantes no contrabaixo e na guitarra, Swami Junior no violão e no baixo elétrico, Sérgio Reze na bateria e Guilherme Kastrup na percussão.

UMA HOMENAGEM A MÁRIO DE ANDRADE

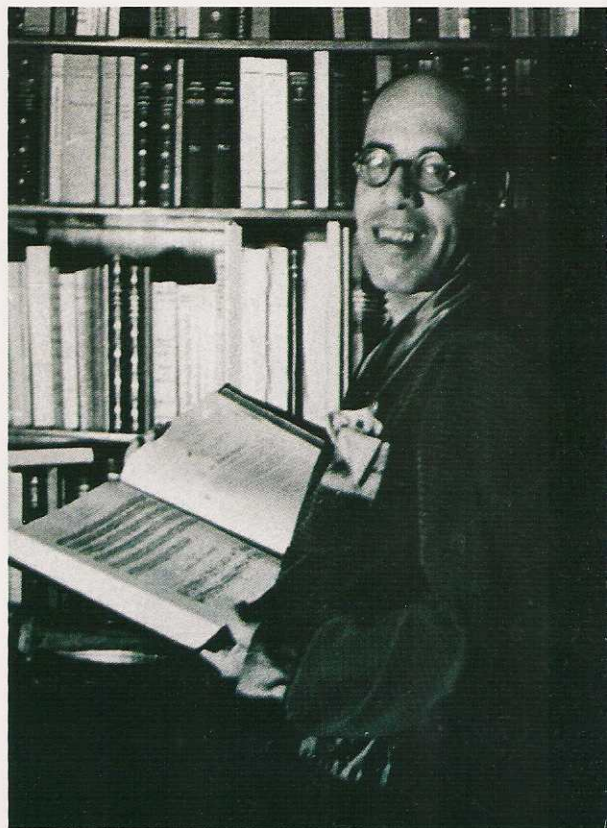
Muitos intelectuais, escritores e artistas colaboraram para consolidar a ideia de uma instituição voltada para a preservação do patrimônio cultural no Brasil entre os anos 1920 e 1930, quase todos vinculados à Semana de Arte Moderna de 1922, entre eles, Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Lucio Costa, Carlos Drummond de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Sergio Buarque de Holanda, Manuel Bandeira, Blase Cedrars, Oswald de Andrade. O Ministro da Educação e Saúde do governo Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, em 1936, solicitou a Mário de Andrade a elaboração de um anteprojeto de lei para a organização jurídica da proteção do patrimônio cultural brasileiro e a criação do Iphan. A partir deste trabalho, sob a coordenação de Rodrigo Melo Franco de Andrade, a instituição foi criada pela Lei Nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Em 30 de novembro de 1937 é promulgado o Decreto-Lei Nº 25, que “organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional” e institui o instrumento do tombamento. Ainda hoje o Decreto-Lei Nº 25 é o principal instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro.

Em 2013, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional homenageia os 120 anos de nascimento de Mário de Andrade, artista múltiplo que nasceu em São Paulo, em 9 de outubro de 1893. Ele foi poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo e, principalmente, um dos principais inspiradores do Modernismo no Brasil, exercendo grande influência na literatura e nas artes modernas no país. Esteve pessoalmente envolvido em praticamente todas as áreas relacionadas com o Modernismo. Suas fotografias e seus ensaios cobriram uma ampla variedade de assuntos, da história à literatura e à música.

Sua obra *Pauliceia Desvairada* o colocou entre os pioneiros do movimento, culminando, em 1922, com a Semana de Arte Moderna. O Grupo dos Cinco (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti) continuou trabalhando junto durante a década de 1920, época em que foi diminuindo a hostilidade às suas inovações estéticas.

Depois de também trabalhar como professor de música e colunista de jornal, Mário de Andrade tornou-se diretor-fundador do Departamento Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, formalizando o papel que havia desempenhado durante muito tempo como catalisador da modernidade artística na cidade e no país, onde implantou a Sociedade de Etnologia e Folclore, o Coral Paulistano e a Discoteca Pública Municipal. Seu principal objetivo era ampliar seu trabalho sobre música e o folclore popular, ao mesmo tempo organizar exposições e conferências. O resultado foi um vasto acervo registrado em vídeo, áudio, imagens, anotações musicais dos lugares percorridos pela Missão de Pesquisas Folclóricas, que visitou mais de trinta localidades em seis estados brasileiros. Foi a redescoberta de um Brasil oculto. A missão foi interrompida quando Mário pediu demissão, em 1938, por ser contrário ao recém-implantado Estado Novo, do presidente Getúlio Vargas.

Mudou-se para o Rio de Janeiro para tomar posse de um novo posto na UFRJ, onde dirigiu o Congresso da Língua Nacional Cantada, um importante evento folclórico e musical. Em 1941 voltou para São Paulo e ao antigo posto do Departamento de Cultura, apesar de não trabalhar com a mesma intensidade. Mário de Andrade morreu em sua residência em São Paulo, vítima de um enfarte, em 25 de fevereiro de 1945, aos 51 anos. Sua consagração como um dos principais valores culturais do Brasil começou em 1955, com a publicação *Poesias Completas*. Em 1960, seu nome foi dado à Biblioteca Municipal de São Paulo.



APOIO

Secretaria de
Cultura



REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura

